

## 12 de Junho: Dia Mundial Contra o Trabalho Infantil

José Roberto Dantas Oliva (\*)

Em todo o mundo, o dia de hoje é dedicado à conscientização sobre a necessidade de erradicação do trabalho infantil. Este ano, sob o mote “Uma Colheita para o futuro: Agricultura sem Trabalho Infantil”, os esforços são direcionados à eliminação do trabalho infantil no campo, especialmente nas suas piores formas, quando crianças são submetidas à uma exploração degradante, que as subtrai das escolas e das brincadeiras próprias da idade, impedindo-as de ter um desenvolvimento completo.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) afirma que a agricultura é o setor onde se encontra o maior índice de trabalho infantil – aproximadamente uns 70%. Em todo o mundo, segundo a OIT, mais de 132 milhões de crianças e adolescentes com idade entre 5 e 14 anos trabalham, de sol a sol, preparando o solo para o plantio, plantando, colhendo, pulverizando pesticidas e cuidando do gado.

O trabalho precoce acaba resultando em menoscabo à educação, desenvolvimento e qualidade de vida futura das crianças e adolescentes. Conforme destaca a OIT, o trabalho em largas horas no campo, limita a capacidade de comparecer à escola ou de receber uma formação de capacidades, privando crianças e adolescentes de adquirir uma educação que as resgataria da pobreza no futuro.

Ainda segundo a Organização Internacional do Trabalho, as meninas se encontram duplamente em desvantagem, pois além do trabalho no campo, tem de dedicar-se, também, às atividades domésticas.

Conquanto o enfoque deste ano seja o combate ao trabalho infantil no campo, o problema é uma realidade também nas cidades. No Brasil, é proibido qualquer tipo de trabalho a quem não tenha completado 16 (dezesesseis) anos de idade, exceto na condição de aprendiz, a partir dos 14 (catorze) anos.

Entretanto, embora o País tenha uma das legislações mais avançadas do mundo na área, a realidade – que pode ser vista nas esquinas, com crianças esmolando ou fazendo malabarismos em troca de alguns trocados, resultado de uma exploração perversa – demonstra que os esforços têm sido insuficientes para livrar-nos desta chaga social.

Em 2004, por exemplo, o Dia Mundial Contra o Trabalho Infantil foi dedicado ao combate ao trabalho infantil doméstico, velha ferida que permanece aberta, de cicatrização muito mais difícil e dolorosa, porque oculta no interior dos lares. A OIT, então, denunciava: detrás de portas cerradas, muitas crianças e adolescentes são vítimas de exploração no serviço doméstico. Eram cerca de 10 milhões de crianças atuando no trabalho doméstico em todo o mundo, sendo que, no Brasil, o número superava a 500 mil.

Pesquisa específica realizada sobre trabalho infantil pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em convênio com a OIT, como tema suplementar da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2001, revelou que o Brasil

---

(\*) Juiz titular da 1ª Vara do Trabalho de Presidente Prudente, Professor das “Faculdades Integradas Antônio Eufrásio de Toledo”, Mestre em Direito das Relações Sociais pela PUC-SP, Diretor Regional da Associação dos Magistrados do Trabalho da 15ª Região (Amatra XV), representante da Escola da Magistratura da 15ª Região na circunscrição de Presidente Prudente e autor do livro “O Princípio da Proteção Integral e o Trabalho da Criança e do Adolescente no Brasil” (São Paulo: LTr, 2006).

possuía, naquele ano, quase 5,5 milhões de crianças e adolescentes na faixa etária entre 5 e 17 anos trabalhando, sendo que 48,6% deles sem qualquer tipo de remuneração.

Temos avançado, havendo hoje uma preocupação muito grande de autoridades e organismos nacionais e internacionais com ações de prevenção e erradicação do trabalho infantil, nas suas diversas modalidades.

Urge, entretanto, que intensifiquemos tais ações, para impedir que crianças continuem trocando os bancos escolares, onde aprenderiam o *a, e, i, o, u*, pelo trabalho nas cidades e nos campos. Necessária a repetição de questionamentos que já fizemos em estudo científico desenvolvido sobre o tema: Quantos não pegam diariamente em pesadas enxadas, sem ter ainda nem mesmo força suficientes para manejá-las? O que reserva o futuro para esses pobres seres? São crianças e adolescentes que terão comprometido seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e intelectual.

Muitos, conforme destacamos, se verão mutilados. Quantos ainda morrerão? Quantos, aliás, já não perderam membros – mãos, braços, pés – em olarias? Quantos não estão com os pulmões, as vias respiratórias, comprometidos pela fuligem das carvoarias ou da cana queimada? Quantos se ferem diuturnamente no sisal? Que futuro, meu Deus, aguarda esses meninos e meninas desassistidos de proteção e sorte, se, na maioria das vezes, nem ler e escrever terão a oportunidade de aprender?

O conformismo, como também afirmamos em nossa singela obra, não é opção aceitável. E alguns mitos precisam ser quebrados. É claro que, para qualquer pessoa sensata, se fosse perguntado se é melhor uma criança ou adolescente trabalhando ou arregimentada pelo crime, a primeira hipótese seria a resposta.

As opções, entretanto, não podem ser apenas estas. Melhor do que uma criança ou adolescente exercendo trabalho precoce ou ingressando no mundo do crime, é uma criança brincando e estudando, exercendo, enfim, o seu direito de não trabalhar, e um adolescente buscando a qualificação profissional que lhe permita competir, em pé de igualdade, com outros que, melhor aquinhoados econômica e socialmente, eventualmente tenham condição mais favorável de preparar-se para o futuro.

Não percamos de vista, ainda, que, mal remunerados, aqueles que começam a trabalhar muito cedo ocupam também vagas de pais de família, alimentando um ciclo vicioso de pobreza e miséria: o pai é pobre porque não estudou e nem se qualificou, o filho não estudará porque precisa ajudar a família e assim segue. Ora, criança e adolescente não podem ser erigidos à condição de arrimo de família.

Ademais, no mundo globalizado, é preciso haver consciência de que o problema, além de social, tem fundo econômico. Terão muito mais possibilidades de êxito no cenário mundial as Nações que prepararem adequadamente sua juventude. Arregacemos, pois, as mangas, e lutemos, em diferentes trincheiras, pela prevenção e erradicação do trabalho infantil. Não apenas hoje, mas em todos os dias de nossas vidas. A conscientização é um passo fundamental no longo caminho a ser percorrido.